

Dívida Externa 23 ABR 1989

Grupo dos Oito vai discutir posição sobre Plano Brady

O GLOBO

SILVIA FARIA

BRASÍLIA — O Grupo dos Oito (G-8), que reúne os maiores devedores da América Latina (Brasil, México, Argentina, Venezuela, Colômbia, Uruguai, Bolívia e Peru) reúne-se entre os dias 27 e 29, em Brasília, para definir uma posição conjunta em relação à proposta de redução da dívida externa, feita pelo Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady.

Apesar da postura política do Grupo ser conjunta, cada País negociará separadamente o sistema de redução da dívida que melhor lhe convier. O Secretário para Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Ministro Sérgio Amaral, negociador brasileiro dentro do G-8, considera

que a última reunião ocorrida no Rio de Janeiro, provocou a reação dos países credores, através do Plano Brady.

— Agora, temos que discutir as propostas de redução da dívida, dentro do Plano — disse ele. Esse é um dos dois objetivos da reunião. O segundo é dar execução à carta elaborada pelos países devedores, na reunião do Rio, que exige uma solução para a dívida latino-americana, como postura política.

No último dia do encontro, sábado, os Ministros da Fazenda dos países membros do Grupo concluirão os trabalhos. Depois, isoladamente, cada País terá que buscar a necessária adesão do Banco Mundial e FMI, para estar apto a beneficiar-se do Plano Brady. Nesse contexto, o Brasil está mais adiantado do que muitos de

seus parceiros. Por isso, não interessa partilhar de propostas técnicas conjuntas, conforme revelou um diplomata da área econômica do Governo. Um trabalho intenso está sendo feito pelo Embaixador brasileiro dos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, junto às duas instituições. Na avaliação do Ministro Sérgio Amaral, o Brasil atende a todas as condições previstas pelo Plano e deve apresentar uma proposta para dar início ao processo de redução da dívida já no segundo semestre deste ano.

A proposta brasileira está em fase de discussão e pode ser uma fusão das sugestões do Plano Brady. Essas sugestões, segundo Amaral, são: 1) a recompra da dívida com recursos financiados pelo Bird e/ou FMI, de

forma que o País se beneficiaria do deságio e passaria a ter um endividamento de quase a metade do atual; passando a devedor das duas instituições; 2) renegociação do montante da dívida atual, por um novo sistema de juros fixos; 3) ou troca da dívida, pelo novo montante, com deságio, a taxas de juros livres.

A proposta mais interessante é a que fixa os juros, impedindo nova explosão das taxas, que tornaram inviável o pagamento da dívida. Mas o Governo brasileiro tem interesse também na participação do Bird e FMI, como intermediários para a recompra da dívida. Qualquer resultado da negociação porém, não terá impacto imediato sobre o estoque da dívida. Amaral atentou para o fato de que só se renegocia a dívida que vai vencendo a cada ano.